



AS FORMAS DE CONTROLE DO TRABALHO NO *E-COMMERCE* EM ITABAIANA-SE NAS URDIDURAS DA CIRCULAÇÃO DO CAPITAL¹

Geovânio Silva Santos²
Christiane Senhorinha Soares Campos³
Antonio Thomaz Júnior⁴

RESUMO

Na contemporaneidade, os processos de comercialização têm passado por transformações, sobretudo pela emergência do comércio eletrônico. Atividade que mobiliza o aparato tecnológico do Toyotismo e reorganiza sob a lógica das plataformas, o *e-commerce* se coloca como um dos novos modos de acumulação contemporâneos. Por sua vez, tem provocado implicações sobre o mundo do trabalho, em um cenário de aceleração do movimento cíclico do capital. Nesta direção, este artigo objetiva discutir o processo de controle do trabalho sob o *e-commerce* nos liames da circularidade crítica do capital. Compreende a dinâmica particular do trabalho na atividade comercial, tal como o papel deste no processo de valorização. Por conseguinte, assenta-se na compreensão do processo crítico de reprodução do capital e da necessidade de aceleração da rotação, sobretudo após o irrompimento da crise estrutural. Assim, traz como desdobramento a reconfiguração dos processos laborais no comércio sob o *e-commerce*, destacando o aumento da intensidade na exploração. Destas se expressam o gerenciamento por meio de metas, a duplicação do trabalho por meio da disponibilidade de estar *off* e *on-line* e a expansão da jornada de trabalho através das TICs. Tais resultados decorreram da revisão bibliográfica, sistematização de dados oficiais e realização de entrevistas semiestruturadas com trabalhadores do comércio em Itabaiana-SE.

Palavras-chave: Circulação; *E-commerce*, Exploração do trabalho.

RESUMEN

En la contemporaneidad, los procesos de comercialización han pasado por transformaciones, sobremanera por la emergencia del comercio electrónico. Actividad que mobiliza el aparato tecnológico del toyotismo y organiza sob la logica de las plataformas, el *e-commece* ha puesto como un de los nuevos modos de acumulación contemporâneos. En cambio, ha provocado implicaciones sobre el mundo del trabajo, en un momento de aceleración del movimiento cíclico del capital. En esta dirección, este artículo ha como objetivo discutir el proceso de control del trabajo abajo el *e-commerce* en los enlace de la circularidad critica del capital. Compriende la dinámica particular del trabajo en la actividad comercial, así como el papel de esto en el proceso de valorización. Por supuesto, está con base en la comprensión del proceso crítico de reproducción del capital e de la necesidad de aceleración de la rotación, principalmente después de la explosión de la crise estrutural. Así, produz como desdoblamiento, el

¹ Este trabalho resulta das discussões que vêm sendo desenvolvidas no âmbito da pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, tal como da dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, ambos com financiamento da CAPES.

² Doutorando do Curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Presidente Prudente, geovaniogeoufs@gmail.com.

³ Professora Orientadora. Professora e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGeo – UFS. christianescampos@gmail.com.

⁴ Coautor. Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia – PPGG – UNESP/Presidente Prudente. Coordenador do CEGeT / CEETAS. Pesquisador PQ-1/ CNPq. thomaz.jr@unesp.br.



cambio de los procesos laborales en lo comercio abajo el *e-commerce*, con destaque hacia el aumento de la intensidad en la exploración. De ellas, se expresando el gerenciamiento por medio de metas, la duplicación del trabajo por medio de la disponibilidad de estar *off* y *on-line* y la expansión de la jornada del trabajo por las TIC's. Los resultados tuvieron como procedimientos la revisión bibliográfica, sistematización de los datos oficiales y realización de entrevistas semiestructuradas con trabajadores del comercio en Itabaiana-SE.

Palabras clave: Circulación; Comercio electrónico ; Explotación del Trabajo.

INTRODUÇÃO

O trabalho que se segue resulta da pesquisa de dissertação efetivada e da pesquisa de doutorado em andamento em que objetivamos apreender as formas contemporâneas de controle do trabalho no *e-commerce* como expressões das determinações do capital. Partimos do pressuposto de que com a crise estrutural do capital (MÉSZÁROS, 2011), suas consequências para o processo de valorização têm sido o aumento incessante das disputas em torno da mais-valia, incorrendo na intensificação da exploração e da subordinação do trabalho. Esse processo se desdobra em dinâmicas territoriais situadas no âmbito do comércio eletrônico, da circulação do capital, e que têm se materializado no município de Itabaiana-SE.

Como demonstra a análise marxiana, o capital é uma relação social. É processo de expropriação de trabalho alheio, ainda que aos nossos olhos, o capital se apresenta como dinheiro que gera mais dinheiro. Assim, o movimento em que dinheiro pode gerar mais dinheiro deve ser apreendido por meio da mediação do processo de produção das mercadorias. Estas, carregam consigo o fetichismo inerente, ao se materializarem no mesmo percurso em que se camufla o conteúdo social do trabalho despendido em sua produção.

Na contemporaneidade, esse fetichismo parece ganhar outros contornos, sobretudo na medida em que surge o comércio eletrônico e as mercadorias são compradas pela mediação da *internet*. Nesta modalidade da comercialização *on-line*, por se dar de modo automatizado, parece-nos que os conteúdos do trabalho se encontram ainda mais camuflados. Nesse sentido, parece que as mercadorias chegam até nós por vida própria, como se pudessem até mesmo falar e andar. O que se encontra por trás desse processo, são formas de controle do trabalho pelo capital, formas distintas de exploração e de subordinação do trabalho reproduzidas no âmbito do comércio eletrônico.

Neste percurso, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), com todo o fetichismo a ela associado, avançam como resultado do desenvolvimento das forças produtivas e que aparecem, nas últimas cinco décadas, como novidade e meios para as novas demandas da acumulação de capital materializadas nas empresas de plataforma. Não âmbito da crítica da



economia política, o desenvolvimento tecnológico, resultado da luta de classes no interior da produção, pôde constituir o aumento da composição técnica de capital, o que resulta na alteração na composição de valor do investimento produtivo. Esta alteração decorre das necessidades da acumulação de capital em seu processo de reprodução ampliada.

Por sua vez, no curso da crise estrutural do capital, em que tendencialmente se retraíram os investimentos diretamente produtivos, expandiram formas de acumulação por meios estritamente financeiros e localizados na esfera da circulação. Estas formas, consagradas com o processo de mundialização do capital (CHESNAIS, 1996), denotam um movimento de financeirização, que, combinado com o desenvolvimento tecnológico, desembocaram nas empresas de comércio eletrônico.

Nesse curso inserem-se as empresas de plataforma, dentre elas as de *e-commerce*. Importante enfatizar que a ascensão das empresas-plataformas consequente à crise de 2008, abriu a brecha para empresas como as de comércio eletrônico expandirem-se, conformando-se novos modos de acumulação de capital. Contraditoriamente, essas plataformas têm provocado alterações na dinâmica capitalista global, com efeito nos processos de trabalho, pois são causa/efeito das pressões do capital para expandir sua base reprodutiva, na medida em que a esfera da circulação pode vir a adquirir novos contornos.

Neste sentido, entre outras coisas, as TIC's e uma massa de capital sobreacumulado e altamente financeirizado abriram as possibilidades para o surgimento do *e-commerce*, que se desdobram para a dinâmica dos processos laborais. Isto se dá, pois, ainda que o desenvolvimento das formas financeirizadas constitua um campo privilegiado de acumulação, ela não pode jamais substituir o trabalho no processo de valorização. Consequentemente, uma vez que é o trabalho que garante a produção de capital, todo processo de negação deste é um processo limitante ao próprio capital, sendo este o significado essencial da crise estrutural do capital. Ainda assim, o imperativo autoexpansivo do sistema do capital avança negando trabalho no processo produtivo. Em decorrência, o conflito estruturante entre capital *versus* trabalho acentua-se, fazendo com que aquele busque modos mais efetivos de controle deste, expressados na subordinação do trabalho via *e-commerce*.

Assim, o objetivo deste artigo consiste em discutir o processo de controle do trabalho sob o *e-commerce* nos liames da circularidade crítica do capital. Para tanto, a metodologia utilizada consistiu no levantamento bibliográfico, sistematização de dados oriundos da PNAD-IBGE, Observatório do Comércio Eletrônico Nacional, assim como Associação Brasileiro de Comércio Eletrônico (ABComm). A isso somam-se a sistematização de dados sobre o comércio



eletrônico no Brasil e no município de Itabaiana-SE, além da realização de entrevistas semiestruturadas com trabalhadoras(es) vendedoras(es) do comércio eletrônico de roupas e acessórios no município.

Dentre outras coisas, percebemos que a tendência geral uso das redes sociais para impulsionar as vendas tem sido uma estratégia adotada pelas empresas no município. Notamos como a imersão das novas TIC's, por meio das plataformas de redes sociais nas empresas de vendas de roupas e acessórios em Itabaiana-SE, tem contribuído para expansão das vendas no município. Na mesma direção, tem resultado na intensificação das formas de exploração e de subordinação do trabalho. Os novos mecanismos de controle incorporam dimensões da dinâmica toyotista com aspectos do mundo do trabalho plataformizado. Concluímos que este processo reflete a instrumentalidade das TICs para o processo de valorização, ou mais precisamente, na comercialização e circulação de mercadorias e que este movimento expressa a subsunção do trabalho ao capital na contemporaneidade. Assim, nessas novas urdiduras da reprodução do capital, territorializam-se novas formas de controle do trabalho.

O E-COMMERCE NO BOJO DAS METAMORFOSES DO CAPITAL

Para Marx (2016), a dinâmica do capital em seu movimento cíclico de valorização é uma totalidade orgânica, sendo que os processos de produção, distribuição, circulação e consumo se constituem como momentos nos quais o valor se expressa. São, portanto, momentos necessários ao ato do “dinheiro fazer mais dinheiro”. Esquemáticamente, é o movimento D-M-D', em que D = dinheiro, M = mercadoria e D' = dinheiro acrescido ou mais-valia. A circulação do capital corresponde justamente a esse ciclo de metamorfoses, com vistas ao processo de reprodução ampliada.

Nesse curso, como do pressuposto da circulação do capital, o processo de valorização, ocorrido especificamente na esfera da produção de mercadorias, opera a conversão do processo de trabalho ao império de suas necessidades. Nesse movimento, trabalho é convertido em capital na forma mercadoria. É neste momento, em que o trabalho é convertido em processo de valorização, que se impõe a formação da mais-valia, resultado imediato da exploração do trabalho pelo capital. Uma vez formada, a mais-valia circula e distribui-se conforme o jogo das relações de produção existentes, cabendo aos trabalhadores parte ínfima dos frutos imediatos do seu trabalho, e aos capitalistas, as frações majoritárias da mais-valia. Essa mais-valia também se distribui conforme as relações entre os capitais e os papéis destes no âmbito da divisão social do trabalho.



A mediação do processo produtivo no movimento da circulação do capital, como mencionado acima, é uma etapa necessária na medida em que é neste momento em que se forma a mais-valia. O resultado da produção, no bojo do ciclo, embora ele não se feche, é o capital em sua forma mercadoria. Esta precisa realizar-se, precisa ser vendida. Por isso, a necessidade da circulação do capital por meio da circulação de mercadorias no modo de produção capitalista se impõe como uma necessidade na medida em que se complexifica e se aprofunda o processo de acumulação. Tendencialmente isto se dá porque o momento da circulação da mercadoria é um momento de desvalorização do capital, na medida em que a valorização se encontraria interrompida. No entanto, o mesmo capital busca atuar em frente a esta tendência, buscando ampliar a produção ainda que esta não tenha sido realizada. Superar as limitações geográficas no âmbito da reprodução do capital é uma necessidade que se impõe historicamente desde o desenvolvimento do sistema capitalista.

Nesse rol, tão logo a produção capitalista encontra-se mais desenvolvida, ela procura abreviar o intervalo entre produção e realização. Uma das formas em que isso acontece se dá por meio do crédito, que permite acelerar a rotação do capital, via de regra deslocando temporalmente o universo da realização das mercadorias. Logo, o capital tem buscado aumentar a rapidez da circulação, propiciada dentre outros modos, pela comunicação em tempo real e transporte desenvolvidos. Nesse sentido, processo de produção, processo de trabalho, processo de circulação, cada fase deste movimento do capital e que correspondem às mudanças de forma, precisa seguir a fim de não interromper o processo de valorização.

Compreende-se e enfatiza-se, concordando com o entendimento marxiano, de que a circulação do capital não é **necessariamente** a circulação da mercadoria em um espaço físico. O exemplo trazido pelo próprio Marx é emblemático ao afirmar que uma casa pode passar de um dono a outro sem sair do local. Portanto, a casa enquanto forma mercadoria do capital pode ser trocada de dono sem mover-se. No entanto, para fins da análise e exposição do objeto que analisamos, a circulação da mercadoria enquanto “capital comercial” no *e-commerce* é lida como a circulação do capital. Logo, sua realização em tempo mais curto, é a realização do capital em um tempo menor. E por que partimos da circulação da mercadoria? Porque ela permite observar o momento das metamorfoses do capital. Assim, nossas questões têm como pano de fundo que a necessidade de acelerar a rotação do capital encontram nas empresas de comércio eletrônico meios para fazê-lo.

No caso em que analisamos, centramos a análise no momento da comercialização das mercadorias mediante o comércio eletrônico. Ela expressa, na contemporaneidade, transformações em curso no processo de acumulação, bem como nas funções de realização da



mercadoria, operadas no âmbito da comercialização. Elas adquirem relevância, sobretudo em virtude das empresas de comércio eletrônico e suas relações com o processo de plataformação em curso. Elas revelam uma maior disputa em torno das frações de mais-valia, na medida em que sua distribuição passa por uma multiplicidade de capitais, e esse processo se complexifica na medida em que estão se constituindo monopólios do *e-commerce*, exemplo da *Amazon*, *AliExpress*, *Temu*, Mercado Livre, para citar alguns. A *AliExpress*, anunciou uma parceria com a brasileira Magazine Luiza após a mudança na taxa das compras internacionais pelo Brasil⁵. Destaca-se, também, o Mercado Livre, que possui mercado consumidor expressivo no Brasil e em toda a América Latina.

No movimento do capital, é preciso compreender o papel que as Plataformas Digitais (PD) desempenham no âmbito da circulação. Assim, conforme Pessanha (2020, p. 07)

A lógica da plataformação atua exatamente na redução da desvalorização ao aproximar as distâncias e encurtar o tempo no processo de intermediação entre a demanda e a produção, fazendo ainda junção dos fluxos digitais com os materiais em nova etapa do modo de produção capitalista. As PDs não acrescentam valor em movimento, mas evitam a desvalorização na etapa de circulação da qual faz parte, quando efetiva a apropriação pela função que realiza. Assim permitem uma maior interpenetração entre as esferas da produção e do consumo, intermediadas pela circulação acelerada.

Além de discutir essa dimensão no movimento de circulação, Pessanha (2020) enfatiza o papel que dos dados e sua coleta para obter informações acerca do comportamento de consumo e incentivar propagandas e anúncios direcionados passam a ter com as plataformas. Logo, as PDs possibilitam alavancar a comercialização na medida em que encurtam os momentos custosos que envolvem a transformação de dinheiro em capital. No entanto, ainda conforme o autor, elas se apropriam de renda e de parte da mais-valia produzida. Compreendemos que as PDs, ainda que se coloquem como espaços potenciais no âmbito da acumulação, elas são produtos das contradições capitalistas aprofundadas após a crise de 2008, em que são sobredeterminadas sob o ritmo do capital financeiro, sobretudo em suas formas fictícias.

Por conseguinte, exacerbam a conflitualidade entre as frações do capital na disputa pelos espólios no curso da crise estrutural do capital. Se por um lado as plataformas atuam como modos de reduzir a desvalorização de capital, por outro enfatizam a repartição da mais-valia, na medida em que não são diretamente produtivas e se apropriam de uma parcela da riqueza alheia. Desse modo, no âmbito da mundialização do capital e da expansão das formas de acumulação financeira, as contradições entre produção e circulação se acentuam. Na mesma

⁵*AliExpress* e Magazine Luiza selam parceria e vão vender produtos nos *Marketplaces* das duas companhias. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/noticia/2024/06/24/aliexpress-e-magazine-luiza-selam-parceria-e-vaao-vender-produtos-nos-marketplaces-das-duas-companhias.ghtml>. Acesso em: 14 set. 2025.



direção, produção e distribuição, e produção e consumo, sobretudo pela dinâmica da produção destrutiva, conforme enfatiza Mészáros (2012).

Essa processualidade se expressa em variadas escalas geográficas, na medida em que as empresas locais têm se voltado em estratégias para realização das mercadorias impostas pela concorrência em escala global, seja pelas plataformas de comércio de vendas, como a *Amazon*, *Alibabá*, seja pelas grandes lojas de varejo brasileiras, como Casas Bahia e Magazine Luiza. Nesse ponto é fundamental ter em mente a dinâmica capitalista em fins do século XX e início do século XXI, em que a mundialização do capital (CHESNAIS, 1996) consolida a “industrialização das finanças” e amplia a mobilidade geográfica do capital pelo globo. Por isso ela sobredetermina e impõe a aceleração da circulação em escala global, movimento reproduzido nas empresas de comércio do varejo de roupas em Itabaiana-SE. Nesse movimento, a articulação local/global expressa a concorrência capitalista na realização das mercadorias. Com efeito, uma alternativa é voltar-se para o trabalho, intensificando a exploração com meios tecnológicos.

Um traço importante a se destacar no que tange à dinâmica reprodutiva do capital é que as funções de realização não participam diretamente do momento produtivo, ainda que contribuam para a realização do capital. Com as plataformas de comércio eletrônico esse processo pode estar adquirindo novos contornos, com implicações para as escalas geográficas de acumulação do capital, sobretudo a partir das estruturas que se ocupam com o armazenamento de mercadorias, os Centros de Distribuição de Mercadorias (CDMs)⁶, verdadeiros galpões destinados ao repousar das mercadorias até sua chegada ao consumidor final.

Concomitantemente, o desdobramento dessas metamorfoses do capital analisados mediante o *e-commerce* é a consequente complexificação das funções de realização das mercadorias. Elas passam a se espalharem para o conjunto de empresas dedicadas a comercialização e ao consumo “finais”. Destacamos a forma do *social commerce*⁷, em que as empresas de roupas e acessórios localizadas no município de Itabaiana-SE têm se organizado mediante a incorporação das redes de sociais como *WhatsApp* e *Instagram*. Destacamos que essas redes sociais, ainda que não sejam especificamente voltadas a comercialização, têm sido utilizadas como forma de realizar as vendas. Além de serem potencializadas para o aumento da

⁶ Esse processo estamos investigando no âmbito da pesquisa de Doutorado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus Presidente Prudente – PPGG-UNESP.

⁷ *Social commerce* é a modalidade de comércio eletrônico que se utiliza das redes sociais para realizar vendas.



propaganda e publicidade constante, elas permitem ampliar os momentos de crescimento da demanda para além das datas festivas, como eram comuns na demanda das vendas no município.

Importante enfatizar que essas empresas não são especificamente de vendas *on-line*, porém elas passam a incorporar o uso das redes e passam a adquirir um certo patamar médio de vendas propiciado através desse uso. Esse processo vem acompanhando e pode ser registrado por meio do número de seguidores em redes sociais como *Instagram*, por exemplo. Conforme observamos, há empresas que possuem desde 74.000 a 227.000 seguidores em redes sociais como o *Instagram* no ano de 2025, ainda que a população total do município estivesse em torno de 103.000 habitantes no referido ano (IBGE, 2025). As lojas de roupas, pelas observações realizadas feitas através do *Instagram*, são as que mais apresentam pessoas dedicadas ao trabalho com as vendas *on-line*. A observação nas redes se colocou como uma forma de proceder em resposta à dificuldade de acesso aos dados a nível local, o que nos permitiu entender essa realidade por meio de dados obtidos também pelas entrevistas realizadas.

Do ponto de vista do canal de vendas, o *e-commerce*, pode possibilitar a expansão do alcance geográfico para além da localidade, deixando de ter seu foco ainda unicamente na clientela local. Uma vez que pelo que foi constatado, as vendas alcançam também os municípios vizinhos e a capital Aracaju. E algumas empresas possuem vendas no estado da Bahia, com clientela fixa. Questiona-se em que medida a expansão nesse formato poderá ser posteriormente complementada com a criação de aplicativo próprio e/ou submissão às plataformas globais de comércio eletrônico, uma vez que a adoção desse formato dependeu também de determinadas condições de comercialização, como a Pandemia da COVID-19.

Nesse bojo, crescem as possibilidades de acumulação, uma vez que o que passa a orientar as vendas é um patamar de produtividade médio, alargado com a presença de redes sociais. A inovação nos processos de vendas pode estar expressando um aumento de produtividade no comércio, ao passo que pode estar subordinando cada vez mais a atividade comercial ao universo digital. A produtividade aumentada se esboça na manutenção de um padrão mais ou menos organizado de metas, ambicionando sempre sua superação. Essas metas são colocadas pelos gerentes e alcançadas pelos trabalhadores, de modo que quanto mais cresce o patamar, maiores são as energias dedicadas ao trabalho com as vendas.

Concomitantemente, esse processo se dá em virtude da necessidade de aceleração do tempo de giro do capital, quando as lojas passaram a adotar as vendas também no formato virtual. Assim, quanto mais rápido as mercadorias forem vendidas, mais rápido o retorno desse capital. Observa-se como as alterações no comércio convencional tem impactado nas relações



de troca no município e para além dele, de modo a implicar em processos de acumulação em curso. No âmago do movimento cíclico do capital, essa é mais uma forma de acelerar o processo de circulação.

Assim, nesse quadro insere-se o trabalho no *e-commerce* como forma de possibilitar a aceleração das vendas. Tal mosaico amplia-se após a crise de 2008, quando se expandem as atividades de trabalho com plataformas, ainda que esses usos tenham se dado de modo diferenciado nas localidades. A tecnologia, que cumpre papel determinado nas relações de trabalho, assume, nas formas das TICs, a função de mediação do trabalho de realização das mercadorias.

Desta maneira, o capitalismo global vem passando por mudanças, com efeitos para as relações entre os capitais e destes com o trabalho, em que se dá a acentuação da conflitualidade estruturante com a totalidade do trabalho em suas formas multifacetadas. Esta poderá ser exemplificada a partir da subsunção do trabalho ao capital mediante o *e-commerce* no Município de Itabaiana-SE, objeto do próximo tópico.

A SUBSUNÇÃO DO TRABALHO AO CAPITAL NO *E-COMMERCE* EM ITABAIANA-SE

Na contemporaneidade, talvez o que obtenha mais relevo nas discussões em torno do mundo do trabalho sob o jugo das plataformas seja o chamado processo de uberização. Entretanto, essa é uma das multiplicidades de formas laborais expressas no processo de plataformização e das novas formas de controle do trabalho. Elas esboçam o universo do trabalho algoritmizado (RIBEIRO, 2020) em que a disponibilidade dos trabalhadores ao processo de trabalho é um dos traços estruturantes das novas formas de subordinação.

Concomitantemente, a plataformização do trabalho está imersa no movimento que Srnicek (2018), conceitua como capitalismo de plataforma. Conforme o referido autor, a ascensão das empresas-plataformas faz parte dos novos nichos de acumulação de capital que se expandiram após a crise de 2008. Nesse modo de organização da dinâmica capitalista global, cuja captura e venda de dados é um dos seus traços marcantes, destaca-se também novos modos de controle do trabalho, evidenciado pela desregulamentação e crescente precarização.

O aparato técnico e tecnológico que emerge desse processo, herdeiros do toyotismo, assim como as formas financeirizadas que o capital vem assumindo, intensificadas com a mundialização, contribuíram para o surgimento de ramos específicos de negócios, como as empresas de comércio eletrônico. Com foco na acumulação de capital, por meio de funções da



esfera da circulação, essas empresas têm se consolidado nas últimas duas décadas, recebendo o impulso conjuntural da pandemia da COVID-19 e suas transformações nas relações de trabalho.

Com efeito, esses processos contemporâneos, tem implicações nas relações de produção, dentre outras formas no processo de comercialização, objeto de análise deste trabalho. Nas velhas práticas de comercialização, com a imersão das novas TICs, os trabalhadores têm sido submetidos a ritmos produtivos intensos frente às necessidades da aceleração da circulação e na rapidez da acumulação. Tal quadro denota aprofundamento do processo de controle do trabalho ao capital, agora sob os imperativos do chamado capitalismo de plataformas.

Se o fundamento basilar do processo de valorização e da formação da mais-valia se encontra no processo de trabalho, controlar cada vez mais este último torna-se imperativo vital para o capital em todas esferas do processo cíclico, sobretudo em contextos de crise. Assim, os processos laborais no comércio, pela utilização de redes sociais, têm se constituído como *e-commerces*, ainda que não sob o formato das grandes empresas-plataformas, mas pela utilização destas na realização das vendas. Se, na forma do comércio eletrônico, o movimento das mercadorias parece se dá de modo tão natural que elas parecem não respeitarem as barreiras espaço-temporais, a resposta é justamente o aumento da velocidade da realização das mercadorias, que passa, entre outras coisas, pela intensificação da exploração do trabalho.

Como mencionado, o surgimento do *e-commerce* está atrelado ao desenvolvimento tecnológico, sobretudo em relação às TIC's. Em confluência, essa dinâmica decorre da tendência de desenvolvimento das forças produtivas no modo de produção capitalista, que tem permitido o aumento da produtividade do trabalho. Uma vez que é o trabalho o produtor de riqueza, e que essa riqueza produzida socialmente é apropriada de modo privado, o aumento da produtividade permite reduzir o valor contido em cada unidade de mercadoria. Sendo assim, permite ao capitalista se apropriar do mais-valor crescentemente maior, uma vez que a parcela de trabalho necessário se torna cada vez menor em relação ao trabalho excedente na produção das mercadorias. Corresponde, assim, ao objetivo central do aumento da produtividade, que é acumulação de capital e que pode garantir o processo de reprodução em escala ampliada.

Por conseguinte, a tendência do capital é, historicamente, a busca pelo controle do trabalho enquanto seu antagonista estrutural. Esse movimento, analisado por Marx (2017), se expressa pelo processo de subsunção, forma social ao que o trabalho é convertido a partir do modo de produção capitalista. Notadamente no debate sobre a passagem da maquinaria à grande indústria, Marx descreve o processo de subsunção do trabalho ao capital enquanto conteúdo da forma social do trabalho tipicamente capitalista. Na condição de assalariado, o trabalhador tem se confrontado com as máquinas ferramentas enquanto existência estranhas, que passam a



orientar o processo de trabalho sob seu ritmo e que o converte em apêndice do processo produtivo. Esse movimento tem se perpetrado até o momento e tem se expandido na medida em que avança o modo de produção capitalista.

A subsunção chega no século XX de modo mais maduro e foi acompanhada de formas diferentes de organização do trabalho. A aplicação da ciência na produção, expandiu-se para a organização da própria dinâmica do trabalho, buscando gerenciar seus movimentos. Expressão disso foi a esteira de rolagem, típica da organização do trabalho fordista. Entretanto, com a crise despontada na década 1970, em que o regime de acumulação fordista foi cedendo espaço ao regime de acumulação flexível. No qual, um dos traços marcantes é a produção enxuta, o *just in time*. Além disso, para Harvey (2016) nota-se particularmente a expansão do capital financeiro, que condiciona a financeirização do capital, e que tem imperado como lógica de expansão.

Conforme Antunes (2009) a produção capitalista, a partir da década de 1970 tem passado por um processo de reestruturação produtiva global, adotando o toyotismo como padrão da organização da produção e do trabalho. A reestruturação se esboça como um processo que altera concretamente a produção, circulação, distribuição e consumo das mercadorias e que visou alterar as bases da produção capitalista mediante rearticulação das relações entre o capital, o Estado e o trabalho. Quanto ao primeiro o destaque é para a reorganização da produção sob o poder do capital financeiro. Ao segundo corresponde a mudança no papel do Estado, com o neoliberalismo e desregulamentação da economia para ampliar o domínio do capital e seus desajustes produzidos, sobretudo em países da América Latina a partir da década de 1990 (CAMPOS; CASTILHOS; CAMPOS, 2015). Quanto ao trabalho, registra a ofensiva brutal, marcadamente pelo desemprego estrutural, a precarização e flexibilização das relações laborais.

Concomitantemente, Ernest Mandel (1982) ao discutir a Terceira Revolução Tecnológica, demonstra como ela se deu nos anos do pós-guerra, atingindo níveis de produtividade altos para o capital global. Ao mesmo tempo, a tendência de substituir trabalho vivo por trabalho morto tendência colocada como uma das formas de buscar o superlucro, contribuíam para a queda da taxa média de lucro. Nesse rol, todo avanço tecnológico representado no avanço das forças produtivas trouxe especiais mudanças na dinâmica societal, em especial para a composição da classe trabalhadora, tornando-a cada vez mais heterogênea. Desse modo, o aumento da tecnologia tem cumprido o processo de expulsão da força de trabalho do chão das fábricas concomitante às alterações do trabalho em seu interior. Ainda assim, a tecnologia assume um papel contraditório na acumulação capitalista. De um lado



aumenta a produtividade, de outro contribui para a expulsão de trabalho vivo na produção, fonte criadora de valor.

Tal configuração, que ampliou o desenvolvimento tecnológico, permitiu a tem constituição de um modo de comércio eletrônico característico da diluição das fronteiras entre as vendas pela *internet* e as presenciais, com trabalhadores sendo levados nesses meandros. Dessa maneira, na contemporaneidade, o capital tem se utilizado de toda uma sorte de mecanismos organizacionais, desenvolvidos em decorrência do processo de reestruturação produtiva (ANTUNES, 2009; THOMAZ JÚNIOR, 2003), e que vão desde as formas de controle da subjetividade por meios dos léxicos linguísticos, seja as formas de controle do tempo. Assim, as inovações do toyotismo espriam-se atingindo o trabalho em suas diversas formas, como o sistema de metas e bonificações, além do envolvimento dos trabalhadores, quando assumem para si a necessidade de aumento de vendas.

Considera-se que esse movimento se dá no bojo de um processo de subordinação em que os próprios trabalhadores internalizam a necessidade de venderem mais de modo a aumentar sua renda. Esse mecanismo de controle, concernente ao envolvimento pró-ativo dos trabalhadores, é uma das formas que expressam a dinâmica da subsunção mediante o *e-commerce*.

Se o modo como a mercadoria realiza-se correntemente é o comércio em geral, particularmente no comércio eletrônico, e que este tem sua existência apenas com o surgimento da *internet* e seu avanço no Brasil, ele tem contribuído de modo contraditório para diminuir certas barreiras no que tange ao movimento da informação, ao passo que cria outras quanto ao controle e apropriação social dos dados produzidos. Como enfatizado, na esfera dos comércios, as plataformas de redes sociais como *WhatsApp*, *Instagram* e *Facebook*, têm sido usadas por empresas de modo em geral, assim como aquelas em Itabaiana-SE como formas de realização das vendas. Essa modalidade de comércio eletrônico utiliza os perfis em plataformas que mesmo não sendo feitas para as vendas, tem sido utilizada para comercialização.

Simultaneamente, elas se inserem e estão em confluência com o universo maquínico-informacional-digital (ANTUNES, 2020), presente no mundo do trabalho das duas primeiras décadas do século XXI, em que têm crescido as formas de trabalho precário, submetidos às plataformas. Ocorre que a pressão exercida pelo capital para realizar seu ciclo tem se dado também de outras maneiras, caso que ocorre nas vendas *on-line*. A busca pelo aumento da produtividade pós-crise e a inserção de meios tecnológicos exemplificados no objeto celular, onde se pode instalar aplicativos-plataformas, tem se generalizado e atingido o comércio



propriamente dito e os trabalhadores se encontram nessas urdiduras da comercialização das mercadorias.

Se o aumento das forças produtivas se defronta com o trabalho com existência própria, como formas alienadas do trabalho morto estranhado, no que se convencionou ideologicamente chamar de era digital, destaca-se, assim, o trabalho mediado pelas TICS, analisado aqui, particularmente na esfera da circulação. Considera-se que a exploração do trabalho no *e-commerce* se dá margeando o chamado capitalismo de plataforma (SRNICEK, 2018), uma vez que as empresas-plataformas de redes sociais permitem realizar essas vendas. Elas enquadraram-se no modo como o capital emprega constantemente os meios tecnológicos necessários para sugar mais-trabalho.

Dessa maneira, a tecnologia, como historicamente tem se dado, se constitui enquanto mediação que permite ampliar os processos fundamentais da relação capital x trabalho, qual sejam a alienação/coisificação/fetichismo da mercadoria. Observa-se que apesar das lojas analisadas não possuírem aplicativos próprios e específicos para vendas, o uso das redes sociais das lojas e do trabalhador tem aprofundado o processo de subsunção do trabalho na circulação, com mudanças na percepção do trabalhador em relação a si próprio. Estes, na medida em que incorporam a lógica da produtividade, internalizam e reproduzem a subordinação imposta pelos imperativos autoexpansivos do capital.

Compreende-se como a lógica das plataformas, enquanto trabalho morto plasmado tem permitido ao capital se apropriar do tempo livre do trabalhador, uma vez que o uso do celular passa a generalizar como ferramenta de trabalho para realizar as vendas. A lógica das plataformas de pautar um trabalhador disponível 24 horas por dia é expressa no seguinte anúncio presente na empresa-plataforma *Amazon Mechanical Turk*: “Acesse uma força de trabalho global, sob demanda, 24 horas por dia, 7 dias por semana” (2024).

O uso do celular para as vendas por um trabalhador invade seu cotidiano ultrapassando sua jornada de trabalho definida, assim como faz com que ele se desdobre entre o atendimento *on-line* e o presencial. Desse modo os capitais comerciais locais não se furtam de ter o trabalhador disponível 24 horas para as vendas. O que se segue é justamente que a necessidade do capital em sua sede sanguínea por trabalho vivo avança sob as mais variadas esferas. Assim, ocorre que a intensificação da exploração do trabalho sob ímpeto das plataformas se dá, dentre outras formas, na realização da comunicação em tempo real e por conseguinte do tempo dedicado ao trabalho.

Evidentemente que este movimento só se dá diante do desemprego crescente provocado, em partes, pela inserção da tecnologia nas esferas da produção com vistas ao aumento do lucro.



Assim, a ofensiva do capital sobre o trabalho se dá sob várias frentes e esta é uma delas. Cabe citar, também, que as inovações organizacionais no trabalho nas vendas têm incorporado dimensões da reestruturação produtiva (ALVES, 2007) como a formação de *team works* para a vendas, assim como definição de metas mensais, quinzenais e semanais. Em alguns casos, as metas semanais são fracionadas diante dos dias de quarta-feira e sábado, em que há mais movimentação no município, em virtude das tradicionais feiras semanais. Essas inovações do toyotismo vão simbolizar múltiplas formas em que o trabalho deve moldar-se para realizar a vida, que sob a lógica das plataformas, devem assumir de modo mais acelerado o ritmo do capital financeiro.

Termos como colaborador, que já eram adotados pelas redes de comércios tem sido utilizado pelas empresas locais com vistas a ampliação de formas de controle. O que difere também é o papel cumprido pelas plataformas, que ao auxiliarem no *e-commerce* passam a ser instrumentos utilizados para bater as metas de vendas a serem realizadas. Junto aos léxicos ideológicos convencionais, como colaborador, chama-se trabalhadores das vendas de conector (a). No que se segue, nota-se que as formas de persuasão para aumentar as vendas postas pelos gerentes tem impactado na saúde do trabalhador de modo ao desgaste e cansaço que aumenta tendo em vista a obrigação de estar constantemente disponível.

Assim, ao analisar o processo de exploração do trabalho no *e-commerce* e os fios (in) visíveis que compõem as tramas da circulação na contemporaneidade, Santos (2025) observou que a dinâmica contraditória do capital e suas necessidades de aceleração da rotação (Marx, 2014) tem se desdobrado na intensificação dos processos de trabalho nas amplas esferas do processo cíclico. Analisado a partir do município de Itabaiana – SE, importante polo comercial localizado no interior do estado de Sergipe, constatou-se como a utilização das redes sociais por parte de empresas comerciais da atividade de roupas e acessórios, na medida em que tem contribuído para expansão da acumulação, tem colocado os trabalhadores sob o ritmo frenético das vendas.

O uso das redes sociais como *WhatsApp* e *Instagram* para realizar as mercadorias, tem feito os trabalhadores desdobrarem-se em momentos das vendas presenciais e vendas *on-line* simultaneamente. Esses aplicativos, ao serem instalados em *smartphones*, passam a ser ferramentas de trabalho no comércio, que se constituem como mediação para a exploração. Ao fazer isso, as fronteiras entre o que seria tempo de trabalho e tempo livre se encontram embotados, pois mesmo fora do horário comercial os trabalhadores encontram-se disponíveis para as vendas. À realização das mercadorias em tempo mais curto, tem-se o prolongamento da jornada de trabalho, agora sob o uso das redes sociais. Estas, que podem ser as próprias dos



sujeitos que vendem ou das empresas, se colocam como estruturas técnicas/tecnológicas que medeiam a exploração e permitem impor patamares de vendas definidos pelas exigências da acumulação.

Dentre outras coisas, do que foi observado com a realização das entrevistas, verificamos que as metas impostas como patamares de produtividade, registram um modo de gerenciamento do trabalho no comércio. São definidas metas de vendas semanais/quinzenais e mensais, cuja efetivação é definida por meio do uso das redes para impulsioná-las. Estas metas chegam a valores em torno de R\$ 70.000,00 até R\$110.000,00 mensais. Na mesma direção, a duplicação do trabalho entre o físico e *e-commerce* no interior das empresas, estabelece um outro componente destacado. Os trabalhadores têm se colocado entre as vendas presenciais e *on-line*, sujeitos assujeitados pelo tempo da comercialização e consumo acelerado.

Outra constatação se deu em meio aos modos de organização e pagamento de salários, que estão relacionados às metas e ao próprio uso das redes sociais para as vendas. Na medida em que os trabalhadores são contratados por um piso salarial que se eleva a partir do cumprimento das metas, estas acabam por ser niveladores do *quantum* recebido pelo tempo trabalhado. Se as metas gerenciam o trabalho e contribuem para o recebimento de bonificações, elas também interferem no acirramento da competição entre os trabalhadores. E quando uma das pessoas entrevistadas questionou o patrão sobre a reivindicação em relação aumento de salário, aquele afirmou o seguinte: “cada um faz o seu salário. Se não quiser dessa maneira, tome aqui sua carteira” (Entrevistada 6, mulher de 48 anos, em 31 de outubro de 2024).

Assim, observa-se como a busca do capital pela aceleração dos processos de realização das mercadorias passa pela intensificação dos processos laborais, impondo aos trabalhadores o tempo acelerado da valorização do valor. As novas determinações do processo de acumulação carregam novos modos de controle do trabalho em seus diferentes espaços. As implicações objetivas e subjetivas da exploração do trabalho sob o *e-commerce* põem em cena as múltiplas formas de extração e apropriação da mais-valia pelo capital, na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento destrutivo das forças produtivas tem permitido ao capital manter em curso o processo de acumulação. Nesse sentido, a dinâmica inerentemente expansiva do capital tem colocado a humanidade sob o jugo de sua destrutividade imanente. Esse movimento se dá, fundamentalmente pela destruição brutal da natureza e o processo de precarização estrutural do



trabalho, sobretudo nas últimas duas décadas, em que “refaz-se nova morfologia do trabalho, em escala mundial” (THOMAZ JÚNIOR, 2023, p.21).

Por conseguinte, é preciso compreender esse refazer-se como expressão da relação contraditória entre capital e trabalho, em seu processo de se autoproduzirem enquanto classes. Nesta direção,

Não custa reiterar que a classe trabalhadora continua ocupando lugar central, no âmbito das lutas sociais, e protagonizando ações de resistência, sob novos formatos e expressões territoriais, nas ruas e nas searas dos sistemas digitais/informacionais, cada vez mais clivada (gênero, raça, etnia), com consequências e desafios de relevada magnitude para suas instâncias de representação, sejam sindicatos, sejam centrais sindicais, associações etc. (THOMAZ JÚNIOR, 2023, p. 21).

A exploração e a subordinação do trabalho no *e-commerce* se estabelecem como formas de controlar o trabalho em seu antagonismo estrutural ao capital. Entre outras coisas, é preciso observar que o trabalho no comércio não constitui, assim como os próprios capitais comerciais, fontes geradoras de valor. A despeito disso, esse aspecto em nada altera o fato de que o trabalho se encontra subordinado ao capital. Nesse sentido, a imbricação quanto ao processo de valorização opera-se por meio da apropriação de parte da mais-valia, o que quer dizer que os modos de controle do trabalho impetrados no comércio eletrônico têm como aspecto estrutural a necessidade capitalista de controlar o trabalho em seus diferentes momentos.

Nesse bojo, as formas de controle do trabalho na contemporaneidade, expressas no *e-commerce* em Itabaiana-SE reflete os condicionantes das necessidades de valorização em meio ao processo de circulação em seu funcionamento crítico. Compreende-se, assim, como as novas tecnologias da informação e comunicação têm contribuído para a intensificação da exploração do trabalho no *e-commerce*, sobretudo no âmbito da jornada de trabalho, com implicações objetivas e subjetivas para os trabalhadores. Sendo, portanto, parte das tramas do capital em sua circularidade intrinsecamente crítica e produtora de desigualdades.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2ª ed. Londrina: Praxis; Bauru: Canal 6, 2007.
- AMAZON Mechanical Turk. **Access a global, on-demand, 24x7 workforce**. Disponível em: <https://www.mturk.com/>. Acesso em: 14 set. 2025.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CAMPOS; C. S. S.; CASTILHOS, C. C.; CAMPOS, R. S. Estado mínimo para quê e para quem?. In: CONCEIÇÃO, A. L.; SANTOS, F. O. (Orgs.). **A natureza imperialista do capital e a falácia do fim da crise**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.



- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 23ª ed. São Paulo: Loyola, 2016.
- MANDEL, Ernest. **Capitalismo Tardio**. São Paulo, Abril Cultural, 1982.
- MARX, K. **O Capital**: Crítica da Economia Política, livro II: o processo de circulação do capital. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MARX, K. Introdução à crítica da economia política. In: MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016. p. 225-266.
- MÉSZÁROS, István. Parte III – Crise estrutural do capital. In: MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MÉSZÁROS, I. **O século XXI**: socialismo ou barbárie?. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2012.
- RIBEIRO, F de O. O trabalho algoritmizado e suas consequências desumanas. **Revista IHU Online**. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/600518-o-trabalho-algoritmizado-e-suas-consequencias-desumanas-artigo-de-fabio-de-oliveira-ribeiro>. Acesso em: 23 maio 2025.
- PESSANHA, Roberto Moraes. “Commoditificação de dados, concentração econômica e controle político como elementos da autofagia do capitalismo de plataforma.” **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico: Com Ciência**. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.comciencia.br/commoditificacao-de-dados-concentracao-economicaecontrole-politico-como-elementos-da-autofagia-do-capitalismo-de-plataforma/>. Acesso em: 18 abr. 2024.
- SANTOS, G. S. **Os fios (in) visíveis da exploração do trabalho sob o comércio eletrônico em Itabaiana-SE**. 2025. 240 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2025.
- SRNICEK, Nick. **Capitalismo de plataformas**. Traducción: Aldo Giacometti. 1ª ed. Ciudad de Buenos Aires: Caja Negra, 2018.
- THOMAZ JÚNIOR, A. A geografia do mundo do trabalho na viragem do século XXI. **Pegada**, v. 4, n. 2, p. 5 – 21, nov. 2003.
- THOMAZ JUNIOR, A. Geografia do trabalho em construção: desafios teóricos e práxis de pesquisa. ANTUNES, C; NOGUEIRA, C. M. (Orgs.). **Ricardo Antunes – Para além do mundo do trabalho**. Campinas: Papel Social, 2023, pp.279-312.